



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ELEONORA RAÍSSA LIMA NUNES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL
ESCRAVISTA EM A ESCRAVA**

GUARABIRA - PB
2017

ELEONORA RAÍSSA LIMA NUNES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ESCRAVISTA EM A
ES CRAVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, como parte das exigências para a obtenção do título de graduada em licenciatura em língua portuguesa.

Orientador (a): Prof^o. Dr^o. João Irineu de França Neto.

GUARABIRA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972r Nunes, Eleonora Raíssa Lima.
A representação da mulher negra no Brasil escravista em A
Escrava [manuscrito] : / Eleonora Raíssa Lima Nunes. - 2017.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. João Irineu de França Neto ,
Departamento de Letras - CH."

1. Escravidão. 2. Maria Firmina dos Reis. 3. A Escrava.

21. ed. CDD 305.4

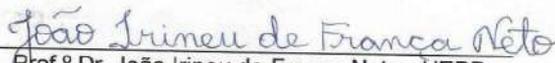
ELEONORA RAÍSSA LIMA NUNES

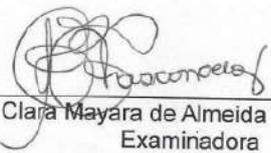
**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ESCRAVISTA
EM A ESCRAVA**

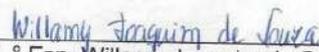
Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Humanidades "Osmar
de Aquino", como parte das exigências
para a obtenção do título de graduada em
licenciatura em língua portuguesa.

Guarabira, 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.º Dr. João Irineu de França Neto - UEPB
Orientador


Prof.ª Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos - UEPB
Examinadora


Prof.º Esp. Willamy Joaquim de Souza - UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus por me fazer forte para superar os obstáculos, aos meus pais; Erinaldo Maurício Nunes e Ana da Costa Lima Nunes, meus familiares em geral, meus amigos, aos meus professores que me fizeram crescer no decorrer de minha trajetória acadêmica e à todas as pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

SUMÁRIO:

1- INTRODUÇÃO	6
2- CONTEXTO HISTÓRICO	7
3- FEMINISMO	9
4- A ESCRAVA	11
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	23

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ESCRAVISTA EM A ES CRAVA

ELEONORA RAÍSSA LIMA NUNES¹

RESUMO

No auge da campanha abolicionista no contexto do Brasil escravocrata era publicado em 1887 no v.1 nº 3 de *A revista Maranhense* o “conto” *A Escrava* da escritora afrodescendente Maria Firmina dos Reis. A obra da autora em questão dá lume à denúncia da condição submissa não só da figura do povo negro em si, mas também da figura feminina negra. Desse modo, este artigo tem por objetivo analisar a obra supracitada e nela enfatizar a representação da mulher negra no Brasil do século XIX. Para tanto, a base desse estudo tem como referencial teórico SOUSA, Rainer (2017); LOURO, Guacira Lopes (2014); Barbosa, CANDIDO, Antônio (1968).

Palavras-chave: Escravidão, Maria Firmina dos Reis, *A Escrava*.

¹ Estudante de Graduação em Letras – Português/Licenciatura. Universidade Estadual da Paraíba - Campus III. E-mail: Eleonora.l.nunes@gmail.com

LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER NEGRA EM EL BRASIL ESCLAVISTA EM LA ESCLAVA

RESUMEN

En el auge de la campaña abolicionista en el contexto del Brasil esclavócrata se publicó en 1887 en el v.13 de La revista Maranhense el "cuento" La Esclava de la escritora afrodescendiente María Firmínia de los Reyes. La obra de la autora en cuestión da luz a la denuncia de la condición sumisa no sólo de la figura del pueblo negro en sí, sino también de la figura femenina negra. De este modo, este artículo tiene por objeto analizar la obra arriba citada y en ella enfatizar la representación de la mujer negra en el Brasil del siglo XIX. Para ello, la base de este estudio tiene como referencial teórico SOUSA, Rainer (2017); LOURO, Guacira Lopes (2014); Barbosa, Cândido, Antonio (1968).

Palabras Claves: Esclavitud, María Firmínia de los Reyes, La esclava.

1- INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar a figura da mulher negra no contexto do Brasil escravista, representada no “conto” *A Escrava*, publicado originalmente em *A revista maranhense v.1 nº3* (1887) da escritora Maria Firmina dos Reis. O estímulo para produzir este trabalho tem caráter pessoal: pretendeu conhecer a ótica de uma escritora afrodescendente em relação à realidade das mulheres negras de nosso país no período da escravidão.

Desta forma, resolveu-se produzir um trabalho científico com base em uma revisão bibliográfica que possibilite a reflexão sobre a importância de se ter uma literatura afrodescendente não só em relação à sua autoria, mas também quanto a figura da mulher negra no cenário do Brasil colonial.

A pesquisa desenvolvida no artigo em questão se deu em função da seguinte problemática: Como a mulher negra é representada no “conto” *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis e qual a função da mesma no contexto do período escravista em nosso país?

Este estudo tem como objetivos analisar na obra literária supracitada a submissão do povo negro que teve seus direitos humanos usurpados, em relação a sua condição racial, social e de gênero; refletir criticamente sobre a representação da mulher negra numa perspectiva de autoria feminina afrodescendente.

O trabalho possibilitou compreender a importância de conhecer um pouco da literatura afro-brasileira e também um segmento da obra literária de Maria Firmina dos Reis juntamente com seu percurso enquanto cidadã atuante de seu meio; sendo esta autora uma das tantas vozes de caráter abolicionista na denúncia em prol dos absurdos cometidos contra a população negra no Brasil do século XIX. Provocando uma reflexão a respeito da história do nosso povo em geral e a resistência ainda existente em relação ao sexismo e ao sexismo racial.

O presente artigo se encontra dividido em 04 (quatro) partes: na primeira há uma reflexão sobre a escravidão no Brasil colonial e a vida e a obra de Maria Firmina dos Reis; a segunda diz respeito às questões que remetem ao Movimento feminista e o Feminismo negro; a terceira refere-se à análise literária do “conto” *A Escrava* e a quarta está associada a uma síntese do estudo desenvolvido.

2- CONTEXTO HISTÓRICO

No decorrer da fase de transição do período colonial para o período das capitanias hereditárias, uma importante mudança se deu quanto às relações de trabalho no Brasil colonial: a utilização do trabalho escravo que consistia inicialmente na exploração de mão de obra indígena e posteriormente a mão de obra africana.

Sendo o escravismo ou escravidão a forma de dominação relacionada à forma social de produção aderida de modo geral no nosso país, esse período foi marcado no Brasil pelo abuso de mão de obra negra vinda da África e transformada em escrava pelos colonizadores europeus.

Segundo Sousa (2017)², mais do que uma simples relação de trabalho a existência da mão de obra escrava africana fixou um conjunto de valores na sociedade brasileira em relação ao trabalho, aos homens e as instituições. Ou seja, o autor deixa claro que a utilização dos escravos africanos em nosso país fez com que determinados ideais fossem inseridos na sociedade.

A instituição escravista tendia a sistematizar toda a produção do meio em função dos ganhos a serem apurados pela burguesia. Para que isso acontecesse o uso de mão de obra assalariada estava descartada. Desta forma o lugar que cabia aos negros escravizados era o de vassalagem, coisa ou mercadoria.

Vistos como animais, os negros africanos eram transportados de maneira sub-humana em navios que recebiam muitas vezes o nome de tumba. O nome desse tipo de navio estava associado ao conceito de tumba, pois, muitos morriam antes mesmo de chegar ao destino final em prol das condições precárias as quais eram submetidos durante o trajeto e aos que sobreviviam à viagem restava exercerem atividades abusivas e de servidão.

Conforme aponta Schwarcz e Starling (2015 p. 87) depois que desembarcavam em nosso país as autoridades faziam anotações sobre os recém-chegados separando-os por sexo e idade e eram encaminhados para os locais de leilão. Sendo assim, a maioria deles eram separados de seus familiares na hora da venda.

² Mestre em História. Texto publicado em: Brasilecola.uol.com.br

Não bastassem os maus-tratos que recebiam os negros africanos também eram impedidos de seguirem sua cultura e praticarem sua religiosidade. Nesse cenário foi imposto aos negros a prática do catolicismo. Fato que fez com que eles preservassem seus costumes de maneira escondida dos seus senhores.

A população negra presente no Brasil escravocrata sofreu violência em vários aspectos. Muitos autores abolicionistas tentaram retratar a realidade dos negros naquele período. No entanto a primeira romancista a dar voz a este povo escravizado e enfatizar a figura da mulher negra daquela época foi Maria Firmina dos Reis.

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora maranhense e de afro-descendência nascida no Brasil escravocrata. A ela é atribuído o título de primeira romancista brasileira e ganhou destaque em São Luís, no Maranhão por sua autoria feminina em um tempo onde o papel da mulher era de total submissão.

Apesar de quase cair no esquecimento e de não se saber ao certo como se deu o resgate de sua obra, o trabalho de Firmina é de extrema importância para a compreensão das identidades dos indivíduos existentes no período colonial. Desenvolvida neste contexto sua produção, conforme afirma Barbosa (2011 p.2) "reproduz a busca de um espaço onde as experiências narrativas oscilam entre o sentimento de alteridade e denúncia da autoridade legitimadora da escravidão".

Maria Firmina dos Reis assume a marca de primeira escritora da nossa literatura a retratar a temática negra dentro de suas obras. Mas não só isso, ela também é responsável por enfatizar a figura da mulher e da mulher negra em relação ao nosso país no contexto de sociedade brasileira escravista.

Segundo Damasceno (2012), Maria Firmina conciliava seu trabalho como educadora e participava ativamente na imprensa local de modo que não fosse do conhecimento do público, lançando assim diversas poesias, crônicas e contos, uma produção que denunciava as condições em que a população negra se encontrava naquele período.

Mesmo sendo o Brasil oitocentista totalmente segregativo no que se refere ao social, racial e de gênero, em 1887 Firmina escreve o "conto" A Escrava. E embora tratando-se de uma narrativa curta há a centralização e o protagonismo da figura da mulher negra.

3- FEMINISMO

O feminismo é uma junção de movimentos políticos, ideológicos, entre outros que tem como objetivo comum: direitos iguais e a libertação de padrões opressores patriarcais, com base nas normas de gênero. Propondo, desta maneira, o fim do machismo e uma sociedade igualitária no que tange homens e mulheres.

Este movimento concilia diversas práticas que defendem além da igualdade dos indivíduos sociais a propensão dos interesses das mulheres e do exercício de direitos das mesmas. Modificando assim, as concepções predominantes nas mais variadas áreas da sociedade ocidental, incluindo o direito e a cultura.

Segundo Louro (2014, p.21) “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência”. Partindo de tal afirmação é possível perceber o quão insignificante era a figura da mulher numa sociedade patriarcal embebida pelo machismo.

As mulheres demoraram muito para conquistarem direitos básicos como cidadãs e terem voz para contestar os padrões sociais exigidos. O patriarcalismo em conjunto com os valores impostos pela mulher indicava um lugar subalterno às mulheres na sociedade.

Só na década de 1960 é que em meio às manifestações de insatisfação social de diferentes grupos que o feminismo ganhou força. De acordo com Louro (2014, P. 20), no meio desse “contexto de efervescência social” o feminismo aparece não só por meio de grupos de esclarecimento, marchas e afins; mas também se expressará por meio de livros, jornais e revistas.

Algumas obras de autoria feminina e militante são bastante discutidas nesse período e marcam esse movimento destacando-se no universo acadêmico. Como é o caso de *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedman (1963), entre outros.

Na perspectiva do Brasil-colônia, a Igreja foi responsável pela educação no país que naquela época ainda não tinha passado pelo processo de independência e os

ensinamentos ministrados pela Igreja não englobavam as mulheres em um primeiro momento.

No período colonial as mulheres eram instruídas da seguinte maneira; ainda na infância, as garotas de famílias abastadas recebiam as primeiras instruções em casa, para que fosse possível acompanharem os sermões na igreja e mais tarde o processo educativo que seguia o padrão patriarcal era feito nos conventos.

Conforme aponta Sousa (2017),³ “as transformações desse papel recluso passaram a experimentar as primeiras transformações no século XIX, quando o governo imperial reconheceu a necessidade de educação feminina”. Desta forma, as mulheres começaram a engatinhar no que diz respeito à participação social.

Entretanto, apesar de no fim do século XIX já existirem algumas publicações que abordavam a relação entre a mulher e a educação, não havia um planejamento amplo que abrangesse todas as mulheres. O conhecimento ficava restrito, dessa forma, às mulheres de famílias importantes e brancas.

Segundo Louro (2014, p.49) “A diferença entre as mulheres, reclamada, num primeiro momento, pelas mulheres de cor, foi, por sua vez desencadeadora de debates e rupturas no interior do movimento feminista”. Dessa maneira, o feminismo negro surge como um segmento do movimento feminista que traz como centro as necessidades das mulheres negras.

No interior do movimento feminista as mulheres negras acabavam ganhando um aspecto marginalizado onde não havia uma representatividade de voz e dessa maneira elas eram silenciadas pela hegemonia branca que se encontrava apoiada no sistema opressor impregnado na sociedade brasileira.

Ainda no que diz respeito ao nosso país, as mulheres negras não participaram de conquistas básicas femininas, como por exemplo o direito ao voto no século XX. Conforme aponta Vieira (2016), as mulheres negras ainda sofrendo as consequências da escravidão que dominou o Brasil por mais de 300 anos, poucos participaram destes movimentos.

As mulheres negras do nosso país lutaram e lutam até os dias atuais para obter visibilidade e representação nas esferas que compõe o meio social e se desvinculem do lugar estabelecido para elas durante séculos, um espaço de servidão e submissão.

Nesse contexto, grandes nomes da militância negra feminista foram surgindo e firmando sua existência na história de nosso país. Como foi o caso de Lélia Gonzalez (intelectual, política, professora e antropóloga brasileira) e Sueli Carneiro (doutora em educação pela USP e diretora do GELEDÉS⁴).

Anterior a essas notáveis do movimento feminista negro no Brasil, personalidades negras, em outras épocas, buscavam dar voz e denunciar os absurdos cometidos às mulheres negras. A exemplo de Maria Firmina dos Reis no "conto" A Escrava.

4- A ESCRAVA

Em 1887, era publicado na *revista maranhense v.1 nº3*, o "conto" A Escrava de Maria Firmina dos Reis. Firmina foi uma escritora afrodescendente ativa quanto à campanha abolicionista. Desta forma, o "conto" em questão é considerado uma obra afro-brasileira, pois, expõe o negro na concepção do negro.

Segundo Bernd (1984, P.46) a literatura negra brasileira "põe a nu as tensões e contradições da sociedade às vésperas da Abolição, redimensionando o papel do negro nessa sociedade". Na literatura afro-brasileira o negro se apresenta como o indivíduo que é conservado pela supremacia branca em condição de menosprezo incluso no corpo social.

A narrativa é iniciada tendo como primeiro cenário um salão do século XIX repleto de pessoas com uma colocação privilegiada na sociedade onde está acontecendo uma conversação sobre os mais variados temas. Até que em um determinado momento deste diálogo, uma senhora abolicionista faz referência a um elemento servil.

O contexto em que a narrativa se desenvolve corresponde ao período vigente no Brasil no século XIX, fazendo assim com que haja uma representatividade da realidade na obra de ficção. De acordo com Candido (1968, p. 11) "este mundo fictício que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra torna-se, portanto, representativo".

⁴ Instituto da mulher negra.

Partindo dessa perspectiva de representação da realidade, Firmina apresenta no “conto” A Escrava várias nuances que se destacavam no Brasil oitocentista. O elemento servil posto em evidência no início da narrativa é só o primeiro componente de um leque de questões polêmicas para a época.

Outro ponto que também chama atenção ainda nesse primeiro momento da narrativa é o fato de que a personagem que pode ser considerada como a personificação do espírito abolicionista, permanece sem nome durante todo o desenvolvimento do “conto”.

Isso pode ser entendido, conforme aponta Barbosa (2011, p. 2), como o anonimato em que esta personagem se encontra reflete o silenciamento das mulheres da época quanto aos direitos políticos e sociais. Partindo da questão servil levantada pela personagem que torna pública a história de Joana no “conto” outro aspecto característico da sociedade escravista do Brasil colonial ganha lúmen.

A negação do negro como humano é debatida no seguinte trecho:

[...] Para que se deu em sacrifício, o homem Deus, que exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente! Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? (REIS, 2014. p. 1).

Tomando como base o foco narrativo⁵ da personagem analisada há o conflito entre Igreja e escravidão a narradora sem nome hostiliza o comportamento dos indivíduos cristãos em relação ao sistema escravocrata. Enfatizando a contradição de tais em participarem da Igreja e não seguirem seus dogmas.

A personagem demonstra ainda insatisfação de maneira crítica e usa de ironia para promover uma inquietação em seus ouvintes no que se refere a autenticidade do resgate da humanidade em relação à morte de Cristo. Visto que a religiosidade era um dos traços marcantes da sociedade no Brasil colonial.

De acordo com a perspectiva da personagem o sacrifício feito pelo mártir do cristianismo de nada vale. Pois, uma vez que nem todas as pessoas conseguiram obter liberdade a partir de tal feito a morte de Cristo não salvou á todos, conforme o idealizado.

⁵ Segundo Antônio Candido (1968, p.16-17) o foco narrativo colocado dentro da personagem permite que pensamentos sejam reproduzidos a partir da perspectiva da mesma.

A partir dessa discussão inicial, utilizando o foco narrativo da personagem anteriormente citada tomamos conhecimento da trama central do “conto”. Apresentando como enredo a trajetória de uma escrava fugida louca que busca seus filhos gêmeos que haviam sido vendidos.

As personagens que surgem e participam deste momento na narrativa são: A escrava Joana, personagem principal cuja condição em que se encontra no “conto” acaba por nomear a obra; O feitor, carrasco de Joana e Gabriel, único filho que resta a Joana; O senhor Tavares, dono da escrava fugida e seus filhos.

Neste segundo momento do conto, onde há a narrativa dentro da narrativa, a mulher sem nome conduz a trama de maneira psicológica até uma tarde de agosto descrita pela mesma como “bela como um ideal de mulher”. E é durante tal ação que se dá a primeira aparição de Joana:

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu. Seguia-a com a vista. Ela espavorida e trêmula, deu volta em torno de uma grande mouta de murta, e colocando-se no chão nela se ocultou (REIS, 2014, p. 2).

O que chama atenção de imediato nesse primeiro encontro da senhora sem nome com Joana é o fato da primeira, mesmo sendo conhecido do leitor que esta defende a causa abolicionista, ignorar características étnicas em meio a situação. No lugar de dar ênfase a cor da pele de Joana, o primeiro aspecto pontuado pela primeira são os “gritos lastimosos” dados pela segunda.

A lástima e a angústia que a narradora personagem atribui à Joana ressalta ainda mais a humanidade do negro, uma vez que tais sentimentos descritos pela senhora sem nome são de natureza humana. E independente de sua etnia, ou classe social Joana era um ser humano.

Não fazendo quaisquer distinções e nem subjugando Joana, a senhora sem nome observa a movimentação da outra e movida por curiosidade e vontade de ajudar, uma vez que vira a situação de Joana, a mulher sem nome resolve procurar Joana, que até então, tem seu nome desconhecido do leitor naquele momento da trama.

E é justo nesse instante em que surge uma figura muito característica da sociedade escravocrata: o feitor. No “conto” objeto desta análise, levando em conta

o contexto do Brasil na época em questão, a figura do feitor pode ser entendida como personificação do sistema escravista.

Tal personagem é descrito pela mulher sem nome como possuindo “uma fisionomia sinistra” que trazia consigo um chicote e uma corda de linho. Nesse momento da narrativa, há o primeiro choque do sistema escravista vigente com os ideais defendidos pela abolição.

A descrição feita pela personagem que conta a história de Joana leva ao leitor crer de fato que o feitor apresentava feições assustadoras. Mas não só isso, o leitor é conduzido pela mulher sem nome a dar crédito a todo seu relato, pois, só a perspectiva desta personagem é exposta ao longo do “conto”.

Antônio Candido (1968, p. 22) explica que o narrador fictício, como é o caso da personagem do “conto” supracitado, pode facilmente tornar-se “manipulador da função narrativa, como o pintor manipula o pincel e a côr”. Ou seja, o foco narrativo da trama se atém apenas a perspectiva da mulher sem nome. Levando, desta maneira, o leitor a enxergar como verdade absoluta somente aquilo relatado pela mesma.

Após o primeiro contato entre a personificação do sistema escravista e a personificação do movimento abolicionista a oposição existente de ambos ganha intensidade notória. No trecho que segue este choque o feitor expõe toda sua irritação em prol da fuga de uma escrava e a senhora sem nome logo relaciona tal fato à mesma mulher que vira momentos antes da aparição do feitor.

É possível entender o estabelecimento de ideias da mulher sem nome e chegar até a conclusão adquirida pela mesma após a fala do feitor, por um trecho na página 2 do “conto” onde a mesma diz se referindo à Joana que estava “surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida” (REIS, 2014).

Deduzindo que a escrava fugida era a mesma mulher que a narradora personagem vira há o primeiro conflito implícito entre escravidão e abolição. No intuito de ajudar Joana a mulher sem nome mente para o feitor quando o homem lhe pergunta se ela não havia visto a fugitiva.

Este movimento da senhora sem nome desencadeia uma série de fatos de extrema importância narrativa. Um deles é a aparição da personagem Gabriel, filho de Joana, que desempenha um papel fundamental para o esclarecimento da narrativa.

Esta personagem é descrita pela narradora como um homem que a primeira vista lhe parecia “trêmulo e desvairado”, causando-lhe o sentimento de medo como primeira impressão. Todavia, mesmo expondo ao leitor sentimentos negativos em relação à Gabriel a mulher sem nome o define como “Um homem” (REIS, 2014. p. 4), colocando em primeiro plano novamente a humanidade do indivíduo, aplicando depois em sua fala os adjetivos relatando também sua impressão quanto ao mesmo.

Outro aspecto importante em relação aos sentimentos que a personagem expõe de acordo com sua perspectiva leva ao leitor estabelecer uma familiaridade com a “consciência” da personagem. De acordo com Candido (1968, p.20), algumas palavras aparentemente sem relevância situam-nos no interior da consciência da personagem e “faze-nos participar de sua intimidade”.

Contudo, passada a situação de susto entre a narradora e Gabriel, esta passa a considerar aquela figura com ares de interesse. Partindo desta perspectiva, Gabriel adquire uma nova descrição. Desta forma, o filho de Joana tem a sua aparência assustadora desconstruída e adquire, de acordo com o foco narrativo da senhora sem nome, uma aparência “agradável”:

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca e agradável. O rosto negro e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na fronte [...] tinham um quê de altamente interessante. (REIS, 2014. p. 4)

Em um primeiro momento, como dito anteriormente, a personagem que narra a história de acordo com a sua percepção diante os fatos, descreve detalhadamente a figura de Gabriel. No trecho⁶ onde acontece a caracterização do filho de Joana a narradora personagem abre espaço para reflexões.

Na primeira linha a senhora sem nome conta que manter o olhar fixo em Gabriel “era quase uma ofensa ao pudor”. Partindo desse trecho do “conto” é possível refletir sobre a figura da mulher em uma sociedade machista. O fato de uma mulher encarar um homem naquela época era considerado um ato de imoralidade.

De acordo com Louro (2014, p. 37), “a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado”. Dessa forma, em um contexto de sociedade patriarcal, visto que a mulher corresponde ao polo dominado

⁶ Ver citação que antecede o parágrafo.

e o homem o polo dominante, a ação da personagem que conta a história de Joana na obra de Maria Firmina dos Reis acaba por inverter os valores ao encarar Gabriel e dessa forma pratica um ato de imoralidade.

Entretanto, no fim da primeira linha e dando continuidade na segunda, a personagem justifica sua postura “quase” ofensiva de outra maneira. Utilizando como argumento as condições físicas em que o rapaz se encontrava, a mulher leva ao leitor a acreditar que “ofensa ao pudor” nesse sentido não tinha relação alguma com uma afronta moral e sim, estava relacionado ao mal-estar de fixar seu olhar em alguém tão machucado.

No momento em que se segue, pós as ponderações quanto a situação física de Gabriel a feição do rapaz se torna interessante no que diz respeito a perspectiva da mulher sem nome. Tal fato desemboca na apresentação das personagens entre si e o rapaz lhe dá conhecimento do que o levava até ali.

O rapaz traz novas informações para a trama, situando um dos acontecimentos mais importantes para o desenvolvimento da narrativa, a fuga de Joana. A personagem relata ainda que, posterior a fuga de sua mãe, também largou o serviço em horário de trabalho para procurá-la e em função disto, ambos seriam castigados assim que tivessem o infortúnio de serem capturados pelo feitor.

Posterior aos fatos apresentados por Gabriel, tendo a senhora como ouvinte atenta, esta lhe informa sobre sua mãe e os dois saem em socorro da pobre e louca escrava. De tal forma que o drama de Joana adquire mais detalhamento ao passar a ser conhecido pelo leitor.

No decorrer da narrativa é possível perceber a mensagem clara e queixosa da autora em relação aos absurdos cometidos contra os negros no período da escravidão. E partindo dessa perspectiva destaca o espaço que cabia a mulher negra na sociedade da época.

Segundo Barbosa (2011, P. 1), “a narrativa feita neste conto possibilita a discussão da alteridade e, simultaneamente, a denúncia da condição crítica do escravo e da mulher”. Ou seja, o conto não retrata somente a relação existente na época entre negros e brancos, mas também destaca a figura feminina.

Ainda fazendo uso de elementos psicológicos a mulher sem nome dá voz a história de Joana relatando o percurso da escrava da infância até o momento em que as duas mulheres se conheceram. E torna-se sabido do leitor que Joana era

filha de uma negra, também escravizada, e de um índio que supostamente conseguiu a carta de alforria para a filha:

[...] nunca meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel e deu-o a ler, aquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! (REIS, 2014. p.8)

No que diz respeito a liberdade que o pai de Joana conseguiu comprar-lhe a autora denuncia de maneira discreta a ilegitimidade da alforria. De acordo com Andreta e Alós (2015. p.194), “a fraude na carta entregue ao pai de Joana pode ser vista como um questionamento à validade da libertação em um país escravocrata”.

Desta forma, em países como o Brasil, cenário onde “conto” analisado em questão se encontra inserido, não era possível para um negro ser livre na sociedade vigente. Ainda que houvesse a compra da alforria, os negros não obtinham liberdade, pois, o contexto escravocrata não oferecia suporte para que os indivíduos alforriados usufríssem de tal como os demais cidadãos brancos.

Sem instrução, aceitação e inseridos num ambiente imerso em ideais escravocratas, o negro ainda que “livre” era tido como coisa digna de desprezo. E mantidos sempre à margem da sociedade, muitos acabavam por voltar a condição de escravidão numa tentativa de sobrevivência.

Já enquanto escrava, Joana passa por uma série de desventuras que culmina na sua insanidade. A violência contra mulheres como Joana, mulheres negras e escravizadas, ia muito mais além do que serem silenciadas. Elas eram alvo constante de violência sexual, agressões físicas e violência psicológica.

No caso de Joana, a violência sofrida por ela em todas as instâncias provocou sua insanidade de maneira irreversível. De acordo com Luna e Silva (2012), mesmo após ter sido amparada por uma senhora engajada na causa abolicionista⁷ os danos sofridos por Joana atingiram o ápice com a venda de seus filhos gêmeos e tornaram-se permanentes, de tal forma que a loucura da personagem fosse a única via possível para que a mesma pudesse lidar com a situação.

Às mulheres negras eram negados todos e quaisquer direitos mínimos que fossem. E entre os demais tipos de violência cometido contra tais no período de escravidão no Brasil, estava a negação dessas mulheres em poderem exercer livremente a condição materna.

⁷ Personagem aqui entendida como a personificação do espírito abolicionista.

A usurpação da maternidade no que se refere as mulheres negras se torna evidente no trecho do “conto” em que Joana delira insanamente por causa da venda de seus filhos gêmeos, Carlos e Urbano:

-Carlos!... Urbano...

-Não, minha mãe, sou Gabriel.

-Gabriel, tornou ela, com voz estridente. É noite, e eles para onde foram? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

-De quem fala ela? -É douda minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela enlouqueceu. (REIS, 2014. p.6)

A venda dos filhos gêmeos de Joana abalou tanto seu psicológico que a partir da primeira fala do diálogo em questão é possível perceber que a personagem principal não tem noção do que lhe é real. Sua fala é marcada pela presença de reticências que reforça a ideia de que o pensamento do locutor não foi concluído, sustentando dessa maneira a condição de delírio de Joana.

Ao passo em que o diálogo se desenvolve, também é notável a confusão que a senhora sem nome faz ao narrar a história, levando o leitor a viver a experiência momentânea do narrador personagem. Na terceira linha a ausência de pontuação que marca a mudança de fala entre as personagens, o travessão, pode ser entendida como proposital, afim de despertar no leitor a aflição da narradora personagem ao presenciar os delírios de Joana e o que lhe causara tal fatalidade.

Já no final do diálogo apresentado no trecho anterior, por meio da fala de Gabriel a venda dos gêmeos é mencionada e o destino dos mesmos também. Partindo do princípio de que no Brasil colonial os negros eram vistos como mercadorias, o senhor dono dos escravos não hesitava na hora de vendê-los, independentemente de estar separando uma mãe de um filho.

A negação do exercício da maternidade pela qual a personagem Joana passa está ligada diretamente com a figura da *mater dolorosa*. Régia Agostinho da Silva (2013) afirma que em um primeiro momento o conceito de *mater dolorosa* está relacionado ao continente Africano.

Ou seja, a África neste sentido aparece personificada na figura de uma mãe que tem seus filhos arrancados de seu seio. Impedindo assim, que os mesmos possam gozar de uma relação de liberdade e maternidade entre eles. Régia Agostinho da Silva (2013), em um segundo momento, suscita a questão da *mater dolorosa* como a imagem do sofrimento e da abnegação total onde a mãe, quanto

pessoa física, com amor incondicional aos filhos tem como recusado o direito de cria-los.

No que se refere ao destino dos gêmeos pós-venda, mencionado pela personagem Gabriel no trecho anterior é possível perceber outra constante no Brasil escravista. O tráfico interprovincial que se deu no país posterior ao impedimento do tráfico transatlântico causou a segmentação de várias famílias africanas.

Segundo Régia Agostinho da Silva (2013), a segmentação familiar em prol do tráfico interprovincial conseguiu impedir várias negras escravizadas de poder exercerem a maternidade, como o caso de Joana retratado no "conto" de Maria Firmina dos Reis.

Ainda no que diz respeito ao tráfico interprovincial de escravos é importante ressaltar o fato de que o Maranhão, terra natal de Maria Firmina dos Reis, foi exportador de escravos, concentrando no Sudeste a maior parte da mão de obra escrava da qual dispunha, segundo Jacinto (2009).

A venda dos filhos de Joana, culminando na sua loucura, faz com a escrava fuja. Sua fuga, desencadeia ainda a aparição do feitor na trama, pois em termos de Brasil escravista era função dos feitores organizar o trabalho dos escravos e evitar a realização de fugas pelos mesmos.

Também era encargo dos feitores aplicar as punições aos escravos que fugiam. Entretanto, apesar das punições severas impostas pelos mesmos Sousa (2017), ressalta que a população negra também formulava maneiras de resistência contra o sistema escravocrata.

O autor diz ainda que os escravos sabotavam a produção que dava lucro aos seus senhores, cometiam suicídio, algumas mulheres grávidas tomavam chás de ervas abortivas, planejavam assassinato dos feitores, ou, fugiam, como a personagem principal do "conto" A Escrava.

Nessa perspectiva, a fuga de Joana é vista como uma das formas de resistência que os negros encontraram para sabotar o sistema escravista. Conforme aponta Andreta e Alós (2015 p.192) a ação realizada por Joana em fugir "revela sua luta pelo seu direito de não ser propriedade de alguém, pelo direito às suas próprias decisões, ao seu próprio corpo".

Contudo, apesar da resistência de Joana a mesma vem a falecer em vista de Gabriel, o único filho que lhe restava, e da senhora que lhe ajudara. E independentemente dos cuidados oferecidos pela mulher sem nome, segundo Luna

e Silva (2012), “a causa abolicionista parece não ter oferecido consolo à protagonista, de maneira que a escrava só encontrou na morte seu único consolo”.

Todavia, o amparo oferecido pela causa abolicionista, personificado na figura da mulher sem nome, também é um ponto crucial para o desenvolvimento da narrativa. A compaixão da mulher branca em relação à outra mulher negra cria uma situação conflituosa e indispensável no fim do “conto”.

Levando em conta que a personagem principal é uma mulher negra escravizada e que se encontrava em estado de fuga seria comum que uma mulher branca que se encontrava em condições privilegiadas na sociedade escravista recusasse ajudar a primeira devido as questões da época:

[...] eu bem conhecia a gravidade do meu ato: -recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes. (REIS, 2014. p. 6)

Na primeira linha do trecho destacado a personagem que narra a história de Joana deixa claro que tem consciência do impacto que sua ação teria em meio ao contexto social da época. Ao mesmo tempo que demonstra a sua lucidez quanto a atitude tomada a personagem aparenta ponderar o seu ato quando diz “escravos talvez de algum poderoso”.

Ainda assim, a personagem evidencia mais uma vez a questão da humanidade dos negros. Colocando de lado suas ponderações e os valores impostos pelo sistema vigente, concedendo de tal forma ajuda tanto à Joana quanto ao seu filho Gabriel.

No entanto, é o sentimento da senhora sem identificação que torna possível ao leitor tomar conhecimento da história de Joana. E por meio desta personagem que acolhe Joana, Maria Firmina dos Reis torna evidente a denúncia contra o sistema escravocrata e suas leis:

[...] sim, a vindita da lei: lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco. (REIS, 2014. p.6)

Nesse trecho a voz da autora se confunde com a voz da personagem e dá lúmen a crueldade do sistema escravista. Essa mescla entre as duas vozes em prol de denunciar o sistema vigente pode ser explicado da seguinte maneira: como o “conto” de Firmina trata-se de uma obra de ficção é comum que ocorra um espelhamento da realidade dentro da narrativa.

A legislação existente no Brasil no período de escravidão impossibilitava que fosse permitido abrigar escravos foragidos. Além disso, as leis garantiam a naturalização e a legitimidade do sistema implantado. Garantindo, então, a existência do mesmo por tanto tempo.

Desta forma, a personagem sem nome que abrigou Joana e seu filho, dois escravos foragidos, sabia dos riscos que assumia abrigando-os. Entretanto, a mulher justifica novamente o seu ato usando como argumento a desigualdade que as leis daquele período proporcionavam entre escravistas e escravizados.

O sistema escravocrata fez muitas vítimas e Firmina mimetiza as vozes e o sofrimento do seu povo na figura de Joana. Assim como a maioria da população negra Joana também vem a falecer. Fazendo aumentar uma lista de mortes amparadas pela lei.

Após a morte de Joana, inesperadamente, o feitor faz a sua segunda aparição na narrativa. É neste momento em que a senhora e o feitor discutem de maneira indireta. E mais uma vez abolição e escravatura entram em choque, revelando então, fragilidades no sistema que ainda perdurava.

A ação da mulher sem nome em enfrentar o feitor torna evidente a decadência do período escravocrata. Ressaltando a influência externa da realidade no desenvolvimento da obra, uma vez que a mesma veio a público em 1887, um ano antes da assinatura da lei áurea, que dava liberdade aos negros escravizados em nosso país.

Após o confronto com a narradora personagem o feitor intrigado deixa o local onde tal fato se deu e leva o nome da mulher, que ainda assim não é revelado ao público, até o seu patrão. No dia seguinte, o senhor Tavares, que ainda não havia sido mencionado na trama, patrão do feitor e dono de Gabriel e Joana, vai até a casa da mulher sem nome.

Entre formalidades da época e convenções este tenta levar Gabriel de volta as suas terras. Entretanto, a mulher que narra a história de Joana intervém novamente em nome da causa abolicionista. Mostrando à aquela figura, que era o estereótipo perfeito do cidadão ideal da época, uma papelada sobre as leis que protegiam sua propriedade de situações como aquela.

Resistindo a todas investidas contrárias a ela vindas do senhor Tavares, a senhora sem nome deu liberdade a Gabriel. Causando, desta forma, desconforto e insatisfação ao visitante indesejado, finalizando a narrativa.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pouco conhecida, a obra de Maria Firmina dos Reis é de extrema importância para que possamos entender a ótica do negro em relação ao próprio negro e o papel que os homens e mulheres limitados por uma questão étnica desempenhavam no Brasil escravista.

Em *A Escrava*, Maria Firmina dos Reis denunciou os absurdos cometidos contra o seu próprio povo e principalmente contra a mulher negra, levando em conta que a mesma era afrodescendente, por meio do discurso da personagem Joana. Esta personagem recolhe em si as vozes silenciadas de todas as mulheres negras que sofreram todos os infortúnios possíveis que a escravidão e o sistema patriarcal branco vigente da época podia proporcionar.

Violência física e psicológica levam a personagem principal a lutar por uma liberdade quanto ao seu corpo e seus direitos quanto mãe, até levarem-na a sucumbir. Na loucura Joana encontra a fuga para seus tormentos e na morte o fim de sua dor.

Mas antes de padecer por completo, Joana tem como amparo a figura da senhora que se mostra engajada na causa abolicionista desde o início da narrativa. É esta senhora que rompe com o sistema da época e se posiciona em prol da humanidade.

Entretanto, ainda que esta mulher represente os primeiros indícios do movimento feminista, que entre tantas questões lutava pela liberdade de voz e reconhecimento das mulheres quanto indivíduo social, há privilégio quanto a oportunidade em que a personagem teve para se posicionar por causa da sua cor e de sua posição social.

Maria Firmina dos Reis evidencia na construção de cada personagem as desigualdades, o preconceito, a relação de opressão entre o senhor e escravo e a questão sexista, que retrata muito bem o cenário e as relações do nosso país no período da escravidão.

Sendo a autora testemunha ocular do momento em qual o Brasil se encontrava inserido, a obra supracitada que deu origem ao estudo em questão pode ser entendida como um grito em busca da liberdade e da conquista de um espaço que foi usurpado em relação aos negros.

Em suma, dentre tantas obras de Maria Firmina dos Reis que trazem como temática a visão do negro sobre o negro inserido na perspectiva do Brasil escravocrata, o “conto” A Escrava, que deu origem ao artigo desenvolvido, se expande para as representações de mundo naquele período. Possibilitando, desta maneira, situações onde as personagens produzem diálogos entre si em torno de um sistema desumano e falido como o escravista. Desembocando em cenas que engredam um viés de vida que buscava reduzir disparidades e expandir o livre-arbítrio.

REFERÊNCIAS

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. "A literatura abolicionista de Maria Firmina dos Reis"; **Confluente Rivista Di Studi Ibero Americani**. Disponível em: <<https://confluente.unibo.it/article/viewFile/6270/6049>> Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

BARBOSA, Elizângela Fernandes. "Represent (ações) literárias em *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis"; **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura_ / V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Disponível em: <docplayer.com.br/292784-Represent-acoes-literarias-em-a-escrava-de-maria-firmina->. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

BERND, Zilé. **O que é negritude**. São Paulo, SP: editora brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 2. Ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1968.

DAMASCENO, Igor. "Maria Firmina dos Reis – Uma Maranhense"; **Mulheres Notáveis**. Disponível em: <<http://mulheres-incriveis.blogspot.com.br/2012/07/maria-firmina-dos-reis-uma-maranhense.html>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. **Laços & enlaces: relações de sujeitos escravizados. São Luís- Século XIX**. São Luís: EDUFMA, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUNA E SILVA, Danielle. "Maternidade e afrodescendência em *Úrsula e A escrava*, de Maria Firmina dos Reis". **Cadernos Imbondeiro**. V. 2, n. 1, 2012. (pp. 1-8).

REIS, Maria Firmina dos. **A Escrava**. In: *Leituras pretas: leituras dramáticas de textos que traduzem a cultura afrodescendente*. Disponível em: <<http://leituraspretas.blogspot.com.br/2014/07/maria-firmina-dos-reis-guerreira.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

SCHWARCZ, Lília & STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Régia Agostinho da. "A mente, essa ninguém pode escravizar": **Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão**. Disponível em

<<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0592>> acesso em 16 de fevereiro de 2017.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Escravidão no Brasil"; **Brasil Escola**. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

VIEIRA, Kauê. "O Feminismo Negro no Brasil: Um papo com Djamila Ribeiro"; **Afreakd**. Disponível em <<http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.